

DEPOIMENTOS

Brasília deu o Brasil aos brasileiros

— Parece que foi ontem — ao chegar, aos quase 25 anos de vivência, como jornalista, nesta Brasília de JK e de todos nós, não conseguimos fugir ao lugar comum e nos admirar de termos vivido e já termos visto passar este quarto de século assistindo e ajudando à construção e à consolidação de Brasília. O tempo passa, o tempo voa e fica só o ressaibo saudoso do que fomos partícipes.

Brasília, a sua construção, foi uma decisão política do presidente Juscelino a ter larga repercussão tanto no seu próprio tempo, de 1956 a 1960 e mais nos dias a vir, como também no porvir dos nascidos na nova cidade, o presente vivido hoje e o que ainda há por vivermos. Erguendo os muros da nova cidade — nova em todos os termos, do arquitetônico ao econômico e social — JK estava modificando profundamente o País, voltando as atenções dos brasileiros para os ermos de Goiás, onde milhares e milhares de outros brasileiros viviam como que parados no tempo, isolados dos demais como num País longínquo e mítico, de índios e garimpeiros, de desbravadores e boia-deiros, um país diferente e escondido nos páramos do Planalto Central. Erguendo Brasília e seu plano urbanístico incomum e revolucionário, JK estava também desvelando este País e abrindo os caminhos praticáveis para a penetração na Amazônia, o que antes, em séculos, os brasileiros não conseguiram cruzando a foz do grande rio e percorrendo suas estradas líquidas até os confins do Acre: ficavam só nas beiras dos rios. De Brasília partiriam os caminhos reais da penetração natural das selvas da Iléia Amazônica, o que estamos vendo nos nossos dias, no decorrer destes vinte e cinco anos. Com o 21 de abril de 1960 inaugurava-se não só uma nova cidade, a capital da República transferida, mas também uma nova era para o Brasil todo.

Nós — os que fundaram o CORREIO BRAZILIENSE e os que, como eu, vieram depois se incorporar à equipe pioneira chefiada por Edilson Cid Varela e Ari Cunha — e toda a

N o último dia 17 completel 25 anos de Brasília. Quando aqui chegel, transferido dos Diários Associados de São Paulo para o CORREIO BRAZILIENSE, o que mais impressionava era o espírito de solidariedade e confiança dos pioneiros.

A carona e o fiado eram hábitos do cotidiano. A falta de estrutura da cidade era compensada com a improvisação e boa vontade. Se os transportes eram escassos, não faltavam veículos particulares e oficiais aceltando carona para todos os pontos do Plano Piloto, ainda em construção, ou para a Cida-

de Livre (hoje Núcleo Bandeirante), centro nevrálgico da Nova Capital.

Nas primeiras semanas de Brasília, pequena equipe de redatores e gráficos do jornal ficou alojada em barracas de lona, num terreno ao lado do prédio do CORREIO BRAZILIENSE, ainda em obras. Lá conviveram os jornalistas que vieram para ficar e os que aqui se encontravam apenas para a cobertura da inauguração da Nova Capital.

Neste quarto de século alguns fatos históricos marcaram a cidade e seus habitantes. Pessoalmente, destaco quatro: a inau-

Carona e fiado, marcas do tempo

guração de Brasília; a renúncia do ex-presidente Jânio Quadros; a deposição do ex-presidente João Goulart pelo golpe de 1964; e a recente campanha pelas "Diretas já".

De fato, como é possível esquecer aquele 21 de abril de 1960? No dia anterior, o CORREIO BRAZILIENSE viveu momentos da maior soberania, quando Assis Chateaubriand, acompanhado de autori-

dades as mais representativas, fez a rotativa se movimentar, iniciando a impressão dos primeiros exemplares do jornal criado por Hipólito da Costa.

Alguns gráficos temiam que as paredes da oficina não suportariam o trepidar da impressora. "A banheira de concreto da rotativa não vai agüentar. Vem tudo pro chão", advertiam os mais novos, alarmados. Os mais experientes, porém, repe-

liam essa conversa. Tinham medo, isso sim, dos trovões. Chovia muito no Planalto — como sempre acontece nos meses de março e abril — e os céus ficavam cortados por descargas elétricas. "Esses raios vão acabar atingindo a rede de energia e não vamos poder rodar o jornal". A impressora, porém, depois de acionada, continuou a rodar e, às primeiras horas da madrugada de 21 de abril o CORREIO estava recebendo um encarte especial — documentário elaborado pelos Diários Associados, com material histórico sobre a construção de Brasília, que foi amplamente distribuído por dezenas

de jornais associados do País.

Naqueles dias — tão diferentes de hoje — podia-se deixar a porta da residência aberta. Havia trabalho para todos, muita oferta de emprego, poucos desocupados, poucos ladrões e assaltantes. Podia-se comprar fiado. Era comum, nas barracas comerciais ou pequenos estabelecidos do Plano Piloto e da Cidade Livre, o comerciante, com falta de troco, dizer: "Leve. Noutro dia o senhor paga". E se pagava.

ALFREDO OBLIZINER
Editor de Pauta

candangada, aderimos a esta decisão política de JK. O gênio de Assis Chateaubriand farejou o futuro. Percebeu a necessidade de penetrar na nova fronteira, na "quarta parte nova", como está no verso de Camões, com mais um de seus jornais, ajudando com suas idéias e com a difusão das idéias e dos feitos dos que estavam a executar a tarefa desbravadora na edificação do novo Brasil. No dia 21 de abril de 1960, completando a adesão ao novo quadro econômico e social proposto por JK e erguido nos longes goianos, desde então o chão do Distrito Federal, os "Diários e Emissoras Associados" inauguravam o CORREIO BRAZILIENSE dando um veículo, uma voz à nova sociedade em formação na Brasília nascente.

Este participante do drama desenvolvido nos últimos vinte e cinco anos nesta cidade onde outrora, por entre as cenelas-de-ema e as bromélias, típicas do cerrado, corriam o guará, as siriemas, emas e os veados campeiros, ouviu desde longe, lá do Ceará, os ecos da construção de Brasília.

Ouvindo tais ecos, lendo o que então se publicava sobre a epopéia da construção, acabei também por aderir, com certa paixão, à idéia da mudança, mudança da capital e do próprio País. Vim, cheguei vestido em casemira e enrolado em cachecol, em pleno mês de julho e encontrei a cidade cheia de sol e coberta de poeira.

JOSE HELDER DE SOUZA
Da Editoria de Opinião